

Um olhar sobre as gravuras históricas da Bahia

ARTIGO

Fabiana Comerlato¹, Henry Luydy Abraham
Fernandes² e Carlos Alberto Santos Costa³

*A look at
historical engraving
of Bahia*

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo apresentar sítios de gravuras rupestres do período pós-colonial identificados na Bahia, evidenciando a importância destes registros como suporte de memória de sujeitos históricos a margem dos grupos hegemônicos. Os sítios pesquisados estão localizados em regiões distintas da Bahia: o sítio Galeria em Rio de Contas no sudoeste, o sítio Cachoeira Numerada em Ibirapuã no Extremo Sul e o sítio Gruta da Salamina em Maragojipe no Recôncavo.

O SÍTIO GALERIA

O sítio Galeria I (UTM 24L W196887 / N8495798 SAD69) foi registrado quando dos trabalhos de arqueologia preventiva na área das obras da Rodovia BA-148, no trecho de Rio de Contas e Jussiape (Comerlato *et alli*, 2006). Este sítio se assemelha a uma ‘caverna’ ou ‘gruta’, indiscutivelmente fruto da ação antrópica. Conformase como uma abertura de galeria na meia encosta de uma colina, distante poucos quilômetros do distrito sede de Rio de Contas e a aproximadamente 250 metros do eixo da BA-148 do lado direito do sentido Rio de Contas para Jussiape. O local é conhecido popularmente como “Buraco dos Revoltosos”, pois é associado pela população local a passagem da Coluna Prestes na região, nos anos 20 do século XX. Entretanto, após reconhecimento em campo, foi verificado que sua origem está relacionada a atividade mineradora ocorrida no sul da Chapada Diamantina durante o século XIX (figs. 2 e 3).

Resumo: Esta comunicação tem como objetivo apresentar sítios de gravuras rupestres do período pós-colonial, evidenciando a importância destes registros como suporte de memória de sujeitos históricos a margem dos grupos hegemônicos. Os sítios pesquisados estão localizados em regiões distintas da Bahia: o sítio Galeria em Rio de Contas no sul da Chapada Diamantina, o sítio Cachoeira Numerada em Ibirapuã no Extremo Sul e o sítio Gruta da Salamina em Maragojipe no Recôncavo da Bahia.

Palavras-chave: Arte rupestre. Gravuras. Bahia.

Abstract: This communication aims to present rock art sites of the post-colonial period, highlighting the importance of these records as memory support of historical subjects by the margin of hegemonic groups. The sites searched are located in distinct regions of Bahia: the site Galeria in Rio de Contas in the South of Chapada Diamantina, the site Cachoeira Numerada in Ibirapuã at the southern end and the site Gruta da Salamina in maragojipe in the Recôncavo of Bahia.

Keywords: Rock art. Engravings. Bahia.

¹Doutora em História, concentração Arqueologia, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, ²Doutor em Antropologia, concentração em Arqueologia História e Pré-histórica pela Universidade Federal da Bahia, Professor da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, ³Doutor em Arqueologia pela Universidade de Coimbra, Professor da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

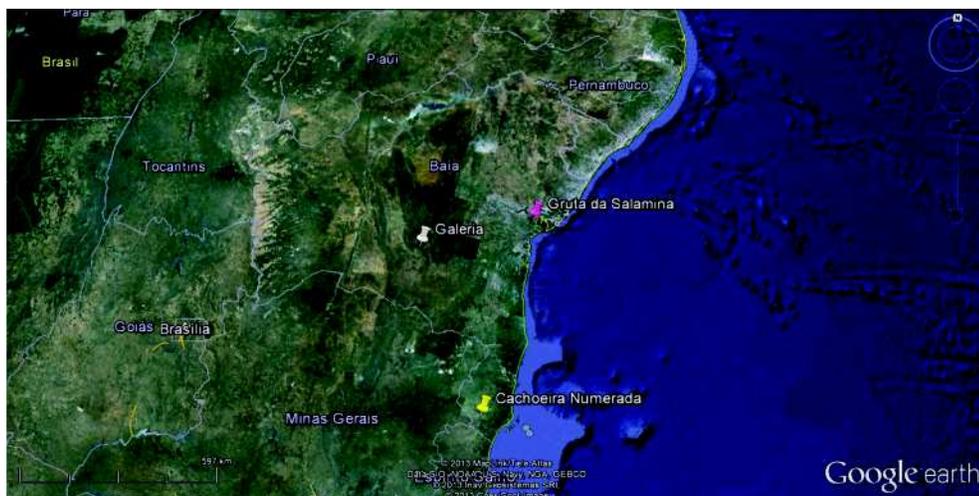


Imagem 1. Mapa dos sítios de gravuras históricas da Bahia. Mapa base do Google Earth.



Fig. 2. Abertura do sítio Galeria I. Foto: Carlos Costa. Data: 05/03/2007.



Fig. 3. Detalhe da abertura do sítio Galeria I. Foto: Pedro Narciso. Data: 05/03/2007.

O sítio corresponde a uma galeria escavada na rocha, tendo a abertura um perfil em arco romano pleno, correspondente a uma escavação com a finalidade específica de mineração. Isto porque, a estrutura geológica da galeria, de arenito friável que segue um veio de quartzo, e o histórico de mineração de Rio de Contas, sugere que a área tivesse sido utilizada para mineração de ouro (figs. 4 e 5). Neste sítio realizamos a atividade preliminar de mapeamento de sua extensão e forma, conforme registros abaixo:

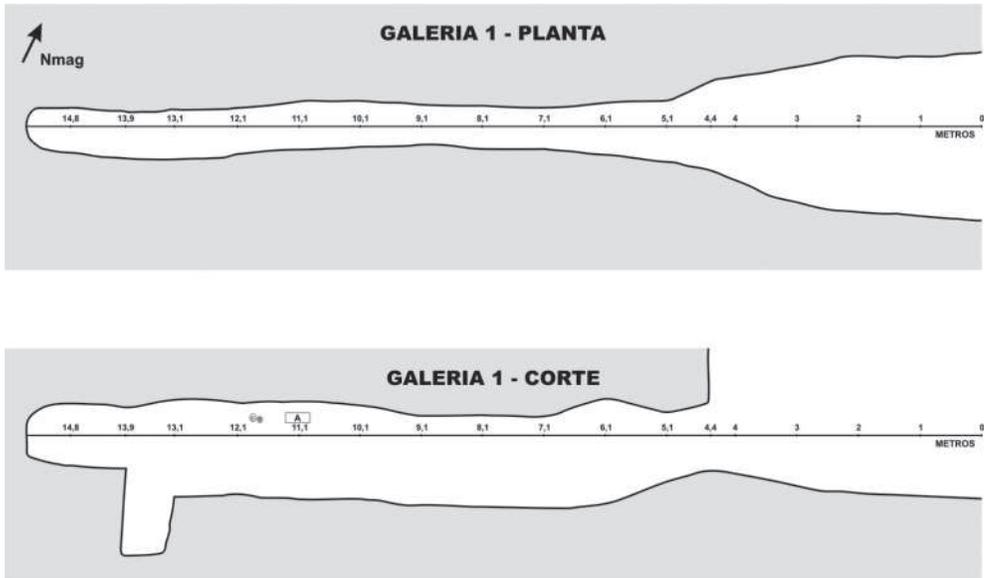


Fig. 4. Desenhos da planta e do corte do sítio Galeria I. Desenho e arte final: Carlos Costa.

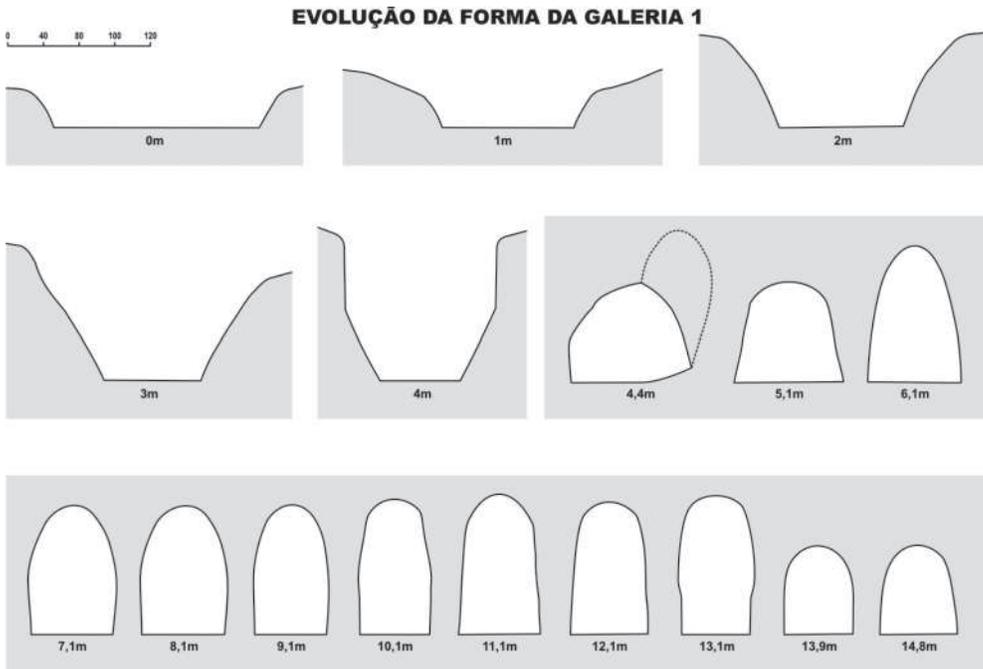


Fig. 5. Evolução da forma da abertura do sítio Galeria I. Desenho e arte final: Carlos Costa.

A atividade de registro sistemático da abertura do sítio galeria possibilitou localizar em uma de suas laterais duas inscrições (figs. 6 e 7). A primeira, e mais significativa, aparece feita em sulcos profundos, numa área preparada da parede da galeria resultado em uma área rebaixada em forma retangular, onde está grafado “5^a fr.^a 20 de Abr. 1849/Eliseu.” (fig. 6). Percebe-se que o autor emprega o uso de abreviaturas, pontuação, números, de escrita de letras maiúsculas e minúsculas com leve inclinação para a direita, procurando respeitar certo alinhamento. Frente a uma informação tão precisa de registro temporal, buscamos calendários antigos para saber se, efetivamente, 20 de abril de 1849 correspondia a uma quinta feira, o que foi confirmado.



Fig. 6. Inscrição na parede direita do sítio Galeria I. Foto: Pedro Narciso. Data: 05/03/2007.

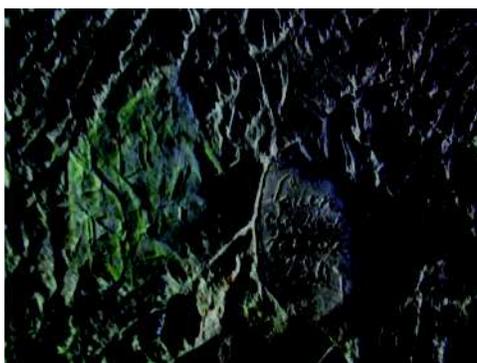


Fig. 7. Inscrição na parede direita do sítio Galeria I. Foto: Pedro Narciso. Data: 05/03/2007.

5^a fr.^a 20 de Abr. A segunda
1849/Eliseu. inscrição, bem mais
tênue e menor que a
primeira, mas também numa área prepa-
rada na parede do abrigo estava grafado
“Lucro dia 24 de Abr. de 1849”. Ao lado
desta segunda inscrição, existe outra área
rebaixada com formato irregular em que
podemos identificar uma sequencia de
traços que sugerem uma contagem.

Portanto, de acordo com as da-
tas registradas, as inscrições foram rea-
lizadas num intervalo de
tempo de 4 (quatro) dias
uma para outra. As infor-
mações históricas obtidas
indicam que a região foi
demasiadamente utilizada
para a mineração de ouro.

O tipo de escavação, em rocha arenítica
seguindo um veio de quartzo, sugere que
a mineração fosse, de fato, destinada a
extração do ouro. As datas registradas nas
inscrições põe o sítio cronologicamente
neste período do século XIX. Cabe ain-
da registrar o fato de ambas as inscrições
manterem semelhança caligráfica, o que,

dado ao pequeno intervalo de tempo entre uma e outra inscrição, possibilitaria sugerir terem sido feitas pelo mesmo indivíduo. Frente os dados arqueológicos obtidos, é sugestiva a ideia de que a tenuidade do segundo registro, mais expedita graficamente em relação ao primeiro, se dê em função de ter sido feito num momento de abandono compulsório do local, em decorrência de ter obtido êxito na atividade mineradora – fato registrado na segunda inscrição a partir do uso o termo “Lucro” – e, portanto, por temor permanência riscos de saque ou roubo da extração aferida.

O SÍTIO CACHOEIRA NUMERADA

O sítio Cachoeira Numerada (UTM 24K W393155 / N8037697 SAD69) foi registrado quando dos trabalhos de arqueologia preventiva na área das obras da Rodovia BA-693 e BA-698, no município de Ibirapuã (Costa & Comerlato, 2008), noticiados durante as entrevistas com moradores locais. Falava-se a existência de gravuras numa cachoeira situada no rio dos Patos. Estivemos no local indicado por duas vezes, em novembro de 2006 e em outubro de 2007. Na primeira ocasião não foi possível certificar o contexto indicado em função de o rio estar caudaloso, já na época das chuvas; no segundo momento, de seca, tivemos a possibilidade de entrar sob a cachoeira para verificar o registro arqueológico. Referem-se a inscrições históricas, do final do século XIX, realizadas com sulcos profundos gravados no suporte granítico, ocupando uma área de 24 x 24 cm, apresentando uma sigla e uma data: F.J / 1871. Esta evidência se encontra na fazenda Cachoeira Numerada, de propriedade do Sr. Sérgio Siquara (fig. 8).



Fig. 8. Pesquisador sob a cachoeira, indicando o local da inscrição. Abaixo, a reprodução do conteúdo gravado com suas dimensões. Foto: Fernando Santana. Data: Outubro de 2007. Arte final: Carlos Costa.

Este tipo de registro, bem como sua localização, é comum aos movimentos expansionistas, realizados por missões religiosas, fazendeiros ou mesmo por ação governamental, e indicam tratar-se de marca de passagem, em que o viajante registrava a sigla de seu nome ou da organização a que pertencia, e o momento em que o

fez, simbolizando o domínio e interiorização de sua ação. Ressaltamos, aqui, que os dados históricos acerca desta região demonstram que no Extremo Sul da Bahia, até a metade do século XX, ainda era muito comum a existência de significativas parcelas de mata atlântica e, não obstante, ainda se tinha notícias da ocupação e uso deste território por populações indígenas. Desta forma, registrar passagem em pleno século XIX em local tão distante do litoral configurava especial significado aos movimentos de expansão e posse efetiva do território. No caso aqui relatado, não sabemos a quem pertence à sigla referida.

O SÍTIO GRUTA DA SALAMINA

O sítio Gruta da Salamina foi descoberto durante as prospecções do ‘Projeto de Mapeamento Arqueológico nos Municípios de Cachoeira e São Félix - BA’ (Fernandes, 2010). Tal contexto encontra-se na área do baixo rio Paraguaçu e lagamar do Iguape, onde também foram identificados vários antigos engenhos de açúcar, muito comuns no Recôncavo da Bahia. Na região do engenho Novo, também conhecido por engenho da Salamina (ou da Salaminas), cujo trecho final dos aquedutos tem cerca de 12 metros de altura, distante cerca 10 minutos de caminhada seguindo a levada d’água que servia a roda da moenda, há uma pequena gruta

Trata-se de um abrigo natural, relativamente amplo, com dimensões estimadas em 15 a 20 metros de largura, 6 a 8 metros de altura máxima na boca, tendo uma concavidade que avança no máximo por 5 a 7 metros. Seu teto rochoso decai lentamente, de modo que nas suas porções mais internas não é possível ficar em pé. O córrego que serviu ao engenho passa por sobre essa gruta. Em algum momento no passado as suas águas abriram uma perfuração arredondada no lajedo e agora, nas estações chuvosas, quando seu volume aumenta, uma torrente desce verticalmente por esse orifício, o que provocou a remoção de grande parte do sedimento acumulado no piso do centro abrigo, formando uma espécie de grande caldeirão.

Expostos parcialmente pela erosão desencadeada pela queda da água do teto existem grandes blocos de um arenito friável, comum na estratigrafia geológica do baixo Paraguaçu. Essa rocha é facilmente esculpida e pode ser riscada com o uso de um instrumento simples, tal como uma haste de madeira dura ou ainda por uma lasca de pedra. Em não raras vezes vimos essa rocha servindo de pedra para afiar facões e outras ferramentas de corte em fazendas e comunidades visitadas durante as pesquisas arqueológicas. Até mesmo notamos que algumas plaquetas ou seixos dela foram abrasados até ficar numa forma circular ou arredondada, em seguida foram perfuradas em um pólo para servirem como pesos de rede. Atentando para os blocos no abrigo, constatamos que em pelo menos cinco desses havia gravuras.

Tais gravuras foram praticadas por meio das técnicas da incisão – algumas linhas são finas, retilíneas e longas, com um perfil em v relativamente pouco profundo; outras linhas são largas e longas, sinuosas ou retilíneas, com perfil em u bastante aberto – e do picoteamento superficial raso, configurando linhas largas e irregulares. Os motivos gravados ocupam, às vezes, toda a superfície do bloco ou apenas um dos seus lados. A temática representada alude especialmente ao que pode ser interpreta-

do como faces humanas, sendo umas mais estilizadas, compostas por poucos traços; ao passo que outras são mais elaboradas, havendo uma delas dotada de traços que parecem ser uma barba.

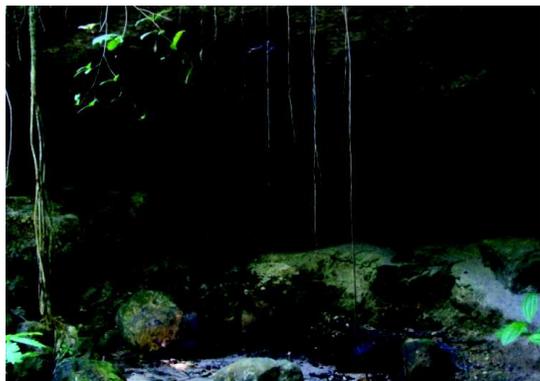


Fig. 9. Abertura da gruta da Salamina. Foto: Luydy Fernandes. Data: 2010.



Fig. 10. Bloco gravado na Gruta da Salamina. Foto: Luydy Fernandes. Data: 2010.



Fig. 11. Bloco gravado com face humana na Gruta da Salamina. Foto: Luydy Fernandes. Data: 2010.

Com relação à cronologia de tais registros humanos, não há elementos ainda para lhes atribuir alguma idade. Seguramente algumas abrasões dessas rochas são bem recentes, como é o caso das ‘raspagens’ feitas nas partes superiores dos blocos de arenito. Essas ditas ‘raspagens’ se assemelham muito aos desgastes provocados pelo afiar de instrumentos cortantes (facões principalmente) que vimos em pedras desse mesmo arenito noutros lugares da região. Inclusive, sobre esses trechos ‘raspados’ dos blocos do abrigo não há musgo, fato que corrobora serem recentes. Por outro lado, o musgo ou algum tipo de lodo coloniza as outras gravuras. Pensando em termos da temática representada, não há nos raros registros de gravuras ou mesmo nos incontáveis painéis pré-históricos pintados no estado da Bahia nenhuma representação similar a esses presumidos rostos humanos (Etchevarne, 2007). Desta forma, preliminarmente consideramos como hipótese que tais figuras seriam fruto

da ação dos escravos do engenho das Salaminas, que buscavam esse agradável ambiente nos momentos de descanso que tinham.

Além das gravuras descritas, a gruta da Salamina ostenta em suas paredes nomes de visitantes atuais pichados com carvão e vários fragmentos de cerâmica de torno. Como visitamos esse sítio apenas com a intenção de mapeá-lo, não executamos nenhuma intervenção em profundidade. Não obstante a coluna de água que lhe erodiu grande parte do piso, seus setores mais internos mantém os sedimentos intactos e podem reter alguma cultura material possivelmente bastante antiga. Há que considerar a escassez de abrigos ou de grutas na faixa litorânea do estado da Bahia. Em face de essa raridade, tal abrigo seria um local particular a oferecer proteção das intempéries e por isso, talvez bastante procurado e frequentado desde tempos remotos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, destacamos o potencial de pesquisa dos sítios de gravuras rupestres históricas na Bahia, tendo em vista o seu caráter de documental pela sua materialidade e pelo seu conteúdo epigráfico. Sem dúvida, este tipo de sítio pode ser melhor estudado pela arqueologia brasileira, rompendo linhas tradicionais de pesquisa e ampliando a abordagem da arte rupestre além do período pré-colonial.

As gravuras rupestres históricas revelam a permanência do suporte rochoso fixo como espaço de registro das atividades humanas no período histórico, se constituindo em importantes marcadores espaciais de passagem, de exploração, de controle ou de posse do território.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUVE, Raymond. Mapas neerlandeses do Brasil conquistado 1624-1654 do Arquivo Nacional, da Biblioteca Real e da Universidade de Leiden. **Anais do I Simpósio de Cartografia Histórica**. Paraty, 2011.

COMERLATO, Fabiana; COSTA, Carlos; FERNANDES, Luydy. **Relatório de Pesquisa. Diagnóstico e Levantamento Arqueológico no traçado da Rodovia BA-148 (Rio de Contas – Jussiape)**. Salvador: MAE/UFBA, 2006 (digit.)

COMERLATO, Fabiana. **Relatório Final. Salvamento e Monitoramento Arqueológico no traçado da Rodovia BA-148 (Rio de Contas – Jussiape)**. Salvador: MAE/UFBA, 2008 (digit.).

COSTA, Carlos; COMERLATO, Fabiana. **Relatório final do salvamento arqueológico na área de abrangência das obras das rodovias BA-693 e BA-698 (Ibirapuã, Mucuri e Nova Viçosa)**. Salvador: MAE/UFBA, 2008 (digit.)

ETCHEVARNE, Carlos. **Escrito na pedra: cor, forma e movimento nos grafismos rupestres da Bahia**. Rio de Janeiro: Versal, 2007.

FERNANDES, Luydy. **Mapeamento Arqueológico – Cachoeira e São Félix**. Cachoeira: UFRB, 2010.